

De-Colonizing Art Institutions

Maria Thereza Alves
Song-Ming Ang
Priscila Arantes
Stefan Baltensperger + David Siepert
Fabiana de Barros
Mabe Bethônico
Flavio Cury
Jimmie Durham
Gabriel Flückiger and Vera Leisibach
Hikaru Fujii
Szuper Gallery
Patrick Hamilton
Ana Hupe
Taloi Havini and Gabriella Hirst
Balz Isler
Daniel Jablonski
San Keller
Astrid S. Klein
Michael Leung / Kai Fong Pai Dong
Marinka Limat
Nkule Mabaso
Filippo Minelli
Lisl Ponger
Raghavendra Rao K.V.
Roe Rosen
Sally Schonfeldt
Katrin Stroebel and Simo Laouli
Túlio Tavares
Navid Tschopp
Lucie Tuma
Maíra Vaz Valente
Katie West
Claire Wintle

Casa da Xiclet

Question mark!

[Portuguese Version]

Zou Zhao

**ONCURATING
PROJECT SPACE**

Ponto de Interrogação

A Casa da Xiclet se apresenta ao OnCurating.org



*“Democracia de verdade não é apenas uma instituição.
É também um exercício espiritual ou uma askesis de privação.”*

Leela Gandhi

“Não pode haver democracia de verdade sem uma ‘bagunça’. Se queremos ser livres – todos nós livres. Quero dizer não apenas alguns de nós – devemos não somente tolerar mas receber bem a falta de disciplina, a preguiça, a espontaneidade, a fantasia e o improvisado.”

Robert Filliou

“Qualquer hegemonia é um sistema não total, um sistema que virtualmente garante – devido a suas definições seletivas de realidade – a coexistência de formas ‘residuais’ e ‘emergentes’ que a ele resistem.”

Raymond Williams

Nós, da Galeria Casa da Xiclet, com certeza ficamos contentes com o convite em expressar nossas visões de um assunto que entendemos como dos cruciais no campo da cultura: descolonizar instituições de arte. Mas ao mesmo tempo sentimos que o nosso estatuto é ambíguo em relação ao tema. Pois se realmente podemos ser considerados uma instituição de arte, certamente não é no sentido convencional da palavra. O espírito aqui, as nossas atividades, nosso modo de fazer as coisas é contrário a ideia mesma de instituição. Sempre trabalhamos com desdém pela instituição (e tudo o que ela acarreta). Não um desdém hostil, mas um desdém crítico à mesmice hegemônica e – também – um desdém bem humorado. A informalidade foi e é a nossa língua franca, nosso antídoto ou vacina contra a institucionalização que nos tornaria, muito rapidamente, um lugar parecido com todos os demais. Quem somos nós? A Adriana Xiclet é a cabeça do projeto, foi quem bolou a ideia, o algoritmo, o *modus operandi* da casa. Ela conta com vários colaboradores e amigos, isso inclui o autor deste texto. O projeto da Adriana é – numa formulação simples, direta (mas insuficiente!) – a mistura da casa com a galeria, sendo a última uma espécie de anti-galeria (já que é democrática, não-restritiva e cuja cubo-brancura está contaminada pela “impureza” da casa) e a primeira, uma espécie de não-casa (já que o privado acaba virando público...). Um amálgama, portanto, de casa e galeria.

Mas... Para que definir? Por que explicar o projeto assim? Um projeto que tem tantas camadas... Talvez a descolonização de uma instituição de arte começa com o abandono da explicação linear, racional, pretensamente totalizante, do que é um determinado projeto. No nosso caso, isto faz sentido: o colonizador europeu trouxe a linearidade própria da sua civilização, estranha à espiritualidade dos povos originais dessas terras que hoje se convencionou chamar “Brasil”. É verdade, não sou índio. Sou mestiço. Não posso falar em nome destes povos. Não posso pretender ou sustentar que a lógica da Casa seja indígena. A lógica da Casa é mestiça, informal, anti-institucional. Descolonizada? O que significa funcionar descolonizadamente? Esse texto é uma tentativa. A casa é uma tentativa, já há 15 anos... Um processo em aberto, um experimento, uma vontade de dizer “existio!”. Existio nos meus termos, me nego a cumprir com diretrizes previsíveis,

caretas, questionáveis, opressivas. Desumanas. Há mais modos possíveis de ser. Isto é uma premissa da descolonização, não é? A Casa quer existir nos seus próprios termos e participar da agenda cultural da cidade, da produção de discurso. Contribuir para que a arte contemporânea seja menos elitista, menos fechada em si mesma. Questionar, participar da discussão, do debate. A agenda cultural ela não só participou e tem participado, como diversas vezes a revitalizou, simplesmente por estar lá como opção em momentos em que a agenda estava profundamente enfadonha. Momentos muito comuns ainda.

Mas veja, a Casa não quer salvar o mundo. Não tem essa pretensão. Ela simplesmente existe, está lá. Se ela pode contribuir com esta discussão, de descolonizar instituições, é da perspectiva da frase abaixo:

“Ainda uma vez hoje se procura justificar politicamente as artes, dirigi-las, oprimi-las, fazê-las servirem uma causa ou uma razão de Estado. É inútil. A arte livre [...] ressurgirá sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica.”

Oswald de Andrade, *A Crise da Filosofia Messiânica* (1950)

A Casa é esta arte livre e é descolonizada na medida em que não faz concessões, se institucionalizando em termos alheios aos seus – onde a alma lúdica seria sacrificada. Como já foi dito, explicá-la é difícil – talvez falacioso. Assim, convidamos todos a visitarem ou freqüentarem o nosso espaço na Rua R. Fradique Coutinho, número 1855, no bairro da Vila Madalena em São Paulo.

LUCAS REHNMAN

Amigo e colaborador da Galeria Casa da Xiclet